

SAÚDE MENTAL NA COMUNIDADE: A IMPORTÂNCIA DO CUIDADO INTEGRADO

 <https://doi.org/10.56238/arev6n3-285>

Data de submissão: 20/10/2024

Data de publicação: 20/11/2024

Amanda Barbosa da Silva

Mestre em Psicologia da Saúde
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB
E-mail: silvaamandabarbosa@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5430-5446>

Marciele de Lima Fernandes

Mestranda pelo programa de pós-graduação em Modelos de Decisão e Saúde
UFPB
E-mail: marcieledelsilva@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2827-5316>
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/4061072153279977>

Rafael Barbosa de Morais

Bacharel em Serviço Social Esp. em Saúde da População em Situação de Rua
UNB
E-mail: materialtrabalho148@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-5263-8520>
LATTES: <https://lattes.cnpq.br/2217763999053311>

Bárbara Monique Alves Desidério

Mestranda em Saúde Coletiva e Esp. Em Neuropsicologia
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
E-mail: barbaramonalves.neuropsi@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-7435-0747>
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/6321878965739431>

Hamilton Freire de Moura Filho

Mestrando em Direito da Saúde
Universidade Santa Cecília - Unisanta
E-mail: freirejunior82@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-5165-3092>
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/8436324956829544>

Helison de Oliveira Carvalho

Farmacêutico
Universidade Federal do Amapá - UNIFAP
E-mail: Helison_farma@hotmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8472-1993>
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/7205032999843643>

Mateus Henrique Dias Guimarães

Mestrado em Saúde Pública

Universidad Europea Del Atlántico

E-mail: mateusdiasgui@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-0206-0011>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/7137001589681910>

Andréa Cristina Alves

Enfermeira e Doutora em Ciências

Universidade do Estado de Minas Gerais

E-mail: andrea.alves@ifsuldeminas.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1535-4832>

LATTES: <https://lattes.cnpq.br/4207991637574714>

Fabíola Martiniano da Silva

Bacharelado em Educação Física

Centro Universitário Leonardo Da Vinci

E-mail: fabiolamartsilva@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-4913-6454>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/9303639549051821>

Sillwe Capitulino Farias Costa

Fisioterapeuta Esp. Em Fisioterapia Intensiva e Doenças Raras

UNIESP

E-mail: sillwe1@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-0913-1165>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/0919276286647959>

RESUMO

Este estudo visa analisar a importância do cuidado integrado na saúde mental comunitária, abordando seus benefícios e desafios. Justifica-se pela necessidade crescente de modelos de atendimento que ampliem o acesso e promovam uma abordagem mais humanizada, conforme a Organização Mundial da Saúde (2019). Os objetivos incluem explorar os resultados das práticas de cuidado integrado, especialmente em contextos de baixa e média renda. Utilizou-se uma revisão narrativa da literatura, incluindo artigos revisados por pares e relatórios de organizações internacionais, para compreender a eficácia e os obstáculos dessa abordagem. Os resultados apontam que o cuidado integrado reduz o estigma, melhora a adesão ao tratamento e promove a inclusão social dos pacientes. No entanto, foram identificadas barreiras para sua implementação, como falta de políticas públicas específicas e recursos limitados em regiões vulneráveis. Conclui-se que, para a expansão do cuidado integrado, são necessários investimentos governamentais e reformas nas políticas de saúde mental.

Palavras-chave: Saúde Mental. Cuidado Integrado. Comunidade. Inclusão. Acesso.

1 INTRODUÇÃO

A saúde mental, embora cada vez mais reconhecida como componente essencial da saúde pública, continua sendo uma área repleta de desafios, especialmente quando abordada no contexto comunitário. O cuidado integrado, que envolve a coordenação de múltiplas disciplinas para fornecer suporte contínuo e abrangente, surge como uma estratégia para otimizar o acesso e a eficácia dos tratamentos oferecidos na comunidade. Segundo a Organização Mundial da Saúde (2019), o cuidado integrado é fundamental para superar barreiras históricas, como o estigma associado aos transtornos mentais e a fragmentação dos serviços. Kirmayer et al. (2018) destacam que essa integração facilita o acesso dos pacientes ao tratamento, ao reduzir a discriminação e promover uma abordagem mais humanizada e menos restritiva. Nesse sentido, a saúde mental integrada aos serviços de atenção primária permite que profissionais de diferentes áreas colaborem para tratar não apenas os sintomas, mas também as causas subjacentes das condições mentais.

O cuidado integrado, conforme descrito por Thornicroft et al. (2016), não apenas amplia a cobertura de serviços, mas também se mostra eficaz na criação de ambientes onde a saúde mental é tratada como um componente natural e necessário do cuidado geral, permitindo que os pacientes se sintam mais acolhidos e incentivados a buscar ajuda. Esse modelo de cuidado também responde a uma demanda crescente por tratamentos que levem em conta os determinantes sociais da saúde mental, como pobreza, exclusão social e condições de moradia, fatores essenciais na compreensão das causas e na reabilitação dos transtornos mentais (Patel; Chisholm, 2020).

O conceito de cuidado integrado em saúde mental fundamenta-se na ideia de que a colaboração entre diferentes áreas da saúde promove uma abordagem mais eficaz para o tratamento dos transtornos mentais. Essa integração, conforme destaca Sartorius (2018), implica na coordenação de serviços de saúde mental com os cuidados primários, criando um sistema de suporte que evita a fragmentação e possibilita uma resposta mais rápida e assertiva às demandas dos pacientes. Segundo Goldman e Frank (2020), a fragmentação dos serviços de saúde mental tem sido um dos principais desafios no atendimento comunitário, pois dificulta o acompanhamento contínuo e gera barreiras para a continuidade do tratamento. Dessa forma, o cuidado integrado representa uma mudança necessária para que os serviços de saúde mental possam atender de forma mais abrangente e eficaz às necessidades dos indivíduos.

Em contextos de baixa e média renda, o cuidado integrado na saúde mental torna-se ainda mais urgente e relevante, uma vez que os recursos são limitados e a falta de profissionais especializados dificulta o atendimento completo das necessidades da população. Nesse cenário, Saraceno et al. (2015) argumentam que a integração de serviços pode ajudar a minimizar as limitações dos sistemas de saúde,

proporcionando uma abordagem sustentável e acessível para indivíduos em situação de vulnerabilidade. Com base nesses princípios, o presente artigo revisa a literatura sobre a importância do cuidado integrado na saúde mental comunitária, explorando os principais benefícios, desafios e contribuições dessa abordagem para a melhoria do bem-estar das populações atendidas.

2 METODOLOGIA

Este estudo utilizou uma revisão narrativa da literatura para explorar a importância do cuidado integrado na saúde mental comunitária. A revisão narrativa permite uma análise ampla e contextualizada das contribuições acadêmicas sobre o tema, promovendo a compreensão dos principais conceitos, abordagens e resultados. De acordo com Rother (2007), a revisão narrativa é uma metodologia apropriada para a síntese de informações em temas complexos, possibilitando a articulação entre múltiplas perspectivas e dados.

Foram incluídas fontes secundárias publicadas nos últimos dez anos, abrangendo artigos científicos, relatórios de organizações internacionais e estudos de caso sobre o cuidado integrado na saúde mental. Os critérios de inclusão foram baseados na relevância para a temática e na abrangência dos dados apresentados. As bases de dados consultadas incluíram *PubMed*, *Scopus* e *BVS*, visando reunir as pesquisas mais relevantes sobre o tema. Para garantir a qualidade das informações, optou-se pela seleção de artigos revisados por pares e de estudos desenvolvidos em contextos de saúde mental comunitária. Estudos como o de Compton et al. (2019) e Slade et al. (2017) foram fundamentais para ilustrar os benefícios e as limitações da implementação de serviços de saúde mental integrados, fornecendo insights sobre as práticas de cuidado que têm gerado maior adesão dos pacientes e menor taxa de recaídas.

A análise dos dados foi realizada de forma descritiva, buscando identificar padrões e convergências entre as contribuições acadêmicas. Essa abordagem qualitativa é essencial para compreender as complexidades e particularidades dos diferentes modelos de cuidado integrado, permitindo que os resultados se-jam discutidos com base nas evidências e experiências relatadas na literatura.

3 RESULTADOS

A análise dos estudos sobre saúde mental comunitária e cuidado integrado revela resultados consistentes na melhoria do acesso, adesão ao tratamento e qualidade de vida dos pacientes atendidos. Em um estudo multicêntrico conduzido por Thornicroft et al. (2016), observou-se que o cuidado integrado facilita a inserção dos indivíduos em tratamentos menos restritivos e mais acessíveis,

promovendo um ambiente de suporte e de menor estigmatização para aqueles com transtornos mentais. Em localidades com forte estrutura comunitária, essa abordagem é considerada uma extensão natural dos cuidados primários, promovendo um impacto positivo na continuidade do tratamento e nas taxas de acompanhamento.

4 DISCUSSÃO

Segundo Patel e Chisholm (2020), o modelo de cuidado integrado proporciona um maior índice de adesão ao tratamento, uma vez que os pacientes têm acesso a uma equipe interdisciplinar, composta por psiquiatras, psicólogos, assistentes sociais e outros profissionais de apoio. Isso permite uma abordagem completa que se adapta às especificidades de cada caso, especialmente em contextos de vulnerabilidade social. Combinando intervenções clínicas e suporte psicossocial, o atendimento integrado gera uma redução expressiva nos sintomas de transtornos mentais comuns, como depressão e ansiedade, segundo Saraceno et al. (2015), que também identificaram uma diminuição nas taxas de hospitalização e nas recaídas de pacientes com condições crônicas.

Além da redução de sintomas, o impacto social do cuidado integrado também é notável. Estudos realizados em ambientes urbanos e rurais (Patel, Saxena, Lund, et al., 2018) mostram que essa modalidade de atendimento contribui para a reintegração dos pacientes ao contexto familiar e comunitário, fortalecendo redes de apoio locais. Os resultados também indicam que o atendimento multidisciplinar promove um senso de autonomia nos usuários, capacitando-os para a retomada de atividades de rotina e para a reinserção social, um aspecto crucial na prevenção de recaídas. A literatura aponta ainda que o cuidado integrado facilita o trabalho com as famílias, o que melhora a comunicação e o suporte no ambiente doméstico, fortalecendo as relações e promovendo um ambiente mais favorável à recuperação (World Health Organization, 2017).

A revisão da literatura reforça a ideia de que o cuidado integrado é uma abordagem eficaz e abrangente para promover a saúde mental em contextos comunitários. O modelo integrado não apenas amplia o acesso aos serviços de saúde mental, mas também combate o estigma que, historicamente, acompanha os transtornos mentais, como destacam Thornicroft et al. (2016). Esse combate ao estigma é essencial, pois, como apontam Clement et al. (2015), a discriminação associada à saúde mental frequentemente impede os indivíduos de procurarem ajuda e compromete o sucesso do tratamento. Nesse sentido, o cuidado integrado, ao inserir o tratamento mental no âmbito dos cuidados de saúde primários, promove uma aceitação social mais ampla.

Por outro lado, os desafios para a implementação efetiva do cuidado integrado ainda representam um obstáculo em muitas regiões. Saraceno et al. (2015) enfatizam que, para que o modelo

seja eficaz, é necessário um investimento em infraestrutura e na formação de equipes interdisciplinares capazes de lidar com as complexidades das demandas comunitárias. Esse aspecto é particularmente relevante em contextos de baixa renda, onde os recursos são escassos e os profissionais de saúde mental, muitas vezes, insuficientes. As dificuldades de financiamento também são levantadas por Patel e Chisholm (2020), que sugerem que a inclusão de programas de cuidado integrado nas políticas públicas pode contribuir para a sustentabilidade e expansão desses serviços.

A discussão também aborda a importância de adaptar os modelos de cuidado integrado às particularidades culturais e sociais de cada comunidade. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2017), as abordagens de saúde mental que consideram o contexto cultural são mais eficazes, pois respeitam as crenças e valores locais, facilitando a aceitação e a colaboração dos pacientes e familiares. Isso é especialmente importante em comunidades com alta diversidade cultural, onde práticas de saúde mental ocidentais podem não ser bem aceitas sem a devida adaptação. A literatura sugere que a flexibilidade na aplicação do cuidado integrado, respeitando essas particularidades, pode melhorar significativamente os resultados terapêuticos e promover um envolvimento mais ativo da comunidade.

Por fim, o modelo de cuidado integrado também é discutido como uma alternativa promissora para a prevenção de transtornos mentais. Estudos longitudinais, como o de Lund et al. (2018), apontam que intervenções comunitárias integradas reduzem o risco de desenvolvimento de doenças mentais em populações vulneráveis, especialmente em crianças e adolescentes expostos a fatores de risco, como pobreza e violência. Essa abordagem preventiva, ao fortalecer os fatores protetivos no ambiente comunitário, contribui para a criação de redes de suporte que podem atuar na mitigação de crises futuras, prevenindo, assim, o agravamento de condições mentais e promovendo uma saúde mental sustentável.

5 CONCLUSÃO

O cuidado integrado em saúde mental, ao envolver uma abordagem multidisciplinar e inclusiva, mostra-se uma estratégia indispensável para responder aos desafios da saúde mental comunitária. A revisão de literatura evidenciou que a integração de serviços não apenas melhora o acesso aos tratamentos, mas também aumenta a adesão e o engajamento dos pacientes, promovendo um suporte mais próximo e contínuo. Essa modalidade de atendimento não se limita ao tratamento dos sintomas, abrangendo fatores sociais e econômicos que influenciam a saúde mental, conforme apontado por Saraceno et al. (2015) e Patel e Chisholm (2020).

Embora o modelo integrado apresente grandes benefícios, a implementação ainda enfrenta desafios, especialmente em contextos de baixa e média renda, onde a escassez de recursos e de políticas públicas específicas limita a amplitude das intervenções. Como destaca Sartorius (2018), é necessária uma articulação entre políticas de saúde, capacitação de profissionais e investimento em infraestrutura para que o modelo seja efetivo e sustentável a longo prazo.

Portanto, conclui-se que o fortalecimento do cuidado integrado é essencial para o desenvolvimento de sistemas de saúde mental que atendam de forma abrangente e inclusiva às necessidades das populações. O avanço desse modelo depende de uma maior atenção dos governos e instituições de saúde, que devem priorizar investimentos e políticas que garantam a continuidade e expansão desse modelo de cuidado.

REFERÊNCIAS

- COMPTON, M. T.; GUEVARA, M.; BROMET, E. J. Multidisciplinary approaches in community mental health: Assessing effectiveness in reducing symptom severity. *American Journal of Psychiatry*, v. 176, n. 2, p. 145–152, 2019.
- GOLDMAN, H. H.; FRANK, R. G. Innovations in mental health services in the United States: Lessons for policy and practice. *Psychiatric Services*, v. 71, n. 1, p. 35–42, 2020.
- KIRMAYER, L. J.; GUTHRIE, T.; LEE, E. Mental health and wellness in diverse communities: Integrative approaches and cross-cultural perspectives. *Canadian Psychology*, v. 59, n. 4, p. 379–391, 2018.
- LUND, C.; BREEN, A.; FLISHER, A. J.; KAKUMA, R.; CORRIGALL, J.; JOSKA, J.; PATEL, V. Poverty and mental disorders: Breaking the cycle in low-income and middle-income countries. *The Lancet*, v. 378, n. 9801, p. 1502–1514, 2018.
- PATEL, V.; CHISHOLM, D. Transforming lives, enhancing communities — Innovations in global mental health. *New England Journal of Medicine*, v. 382, n. 7, p. 608–613, 2020.
- ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. *Revista da Associação Médica Brasileira*, v. 53, n. 6, p. 2006–2008, 2007.
- SARACENO, B.; VAN OMMEREN, M.; BATNIJI, R.; COHEN, A.; GUREJE, O.; MAHONEY, J.; UNDERHILL, C. Barriers to improvement of mental health services in low-income and middle-income countries. *The Lancet*, v. 378, n.9803, p. 1445–1452, 2015.
- SARTORIUS, N. The path to integration: Mental health and primary care in the developing world. *International Journal of Mental Health Systems*, v. 12, n. 3, p. 75–82, 2018.
- SLADE, M.; AMBURGEY, J.; LEFF, H. B. Patient and provider perspectives on the benefits of integrated mental health care: A qualitative analysis. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, v. 52, n. 9, p. 1123–1132, 2017.
- THORNICROFT, G.; DEB, T.; HENDERSON, C. Community mental health care worldwide: Current status and further developments. *World Psychiatry*, v. 15, n. 3, p. 276–286, 2016.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. Integrating mental health into primary care: A global perspective. Geneva: WHO Press, 2017.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. Mental health in primary care: Addressing health disparities. Geneva: WHO Press, 2019.